

Esquizoidia e Deriva: Uma Conferência¹

Clara Pracana

A minha discussão é um híbrido entre a psicanálise e a economia. Gostaria de propor algumas pistas para a compreensão do fenómeno esquizoide nos tempos actuais. Cruzar a questão social e colectiva com o fenómeno psíquico individual. Começamos pelo contexto económico-social. Este é um tempo de deriva. Navegamos, como todos sabemos, em águas desconhecidas. Não vivi na primeira metade do século vinte, mas sei, por formação e por relatos em primeira mão, como foram difíceis esses tempos das duas Guerras e da Depressão entre as guerras. No entanto, nunca uma crise foi tão globalmente macroeconómica como a actual, desde o início da humanidade – porque também a economia nunca fora tão global. Começou por ser um crise financeira, é agora uma crise gravíssima da procura de bens e serviços e de consequente desemprego, acompanhados de uma contracção do crédito e de uma perda de confiança maciça nos bancos e nas instituições. Ou seja, de uma crise financeira, alastrou para uma crise na economia real, para uma crise social, para uma crise talvez mesmo política.

No que respeita à componente financeira, e perante taxas de juro perto do zero, os estados têm de injectar liquidez na economia. De que se trata? De adquirir activos junto das empresas ou dos bancos, melhora-

¹ Este texto é a adaptação de uma comunicação apresentada no dia 18 de Abril de 2008, no colóquio 'Esquizoidia e Sociedade Actual', promovido pela Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica.

do as condições de crédito no sentido de haver incremento do crédito concedido e, por essa via, aumento do investimento e do consumo. Os Estados Unidos e o Reino Unido estão já a fazê-lo há três meses, espera-se que a zona euro não se deixe ficar para trás.

A recente cimeira do chamado G20 veio evidenciar, na minha opinião, a ausência de concertação a nível europeu, se bem que mascarada por uma aparência de optimismo e a curteza de vistas de alguns países. Esperemos que o prometido reforço dos fundos do FMI venha a constituir um forte estímulo às economias. No entanto, a ideia com que se fica da cimeira de Londres é que a maior parte dos líderes mundiais se mostraram mais interessados em evitar crises futuras do que em resolver a crise actual. O medo da deflação parece estar a sobrepôr-se, nalguns casos, à necessidade de combate urgente à recessão.

Dir-se-á que o capitalismo sempre teve ciclos. É verdade, mas nunca como agora se juntaram à escala planetária uma multiplicidade de factores como esta. A solução, tal como o problema, será certamente global, mas ainda não se vislumbra a luz ao fundo do túnel.

Estamos, pois, à deriva. Quando digo estamos, refiro-me não só às sociedades, mas também aos indivíduos. Novas incertezas surgem ameaçadoras: que fazer agora, numa época em que não estamos sequer certos de uma protecção mínima na velhice, para os mais velhos, ou da hipótese remota de um primeiro emprego, para os mais jovens?

Ao meu lado, ou no divã, ouço pessoas de 50 anos compulsivamente reformadas e preocupadas com uma longa velhice. Por outro lado, ouço os jovens, os que não conseguiram sequer ainda um emprego, aos vinte e tal anos. Pelo meio, presencio a angústia de mulheres e de homens de quarenta e tal anos, obcecados com uma juventude eterna.

Descrença e angústia, por um lado, apatia por outro. Apatia generalizada, indiferença, refúgio no isolamento e procura de novas formas de socialização que sejam aparentemente menos ameaçadoras. Este é o fenómeno esquizóide por excelência, como Fairbairn tão bem o descreve nos seus trabalhos, sobretudo os de 1940 e de 1941².

A hipótese de trabalho que irei desenvolver, e que ponho à discussão deste fórum, é a seguinte: a percepção da crise, cujas consequências ainda se desconhecem na totalidade, e que parece agravar-se de dia para dia, pode estar a reforçar o tipo de defesas esquizóides sobre as quais Fairbairn escreveu.

Adicionalmente, o processo de retirada emocional e de hipervaloriza-

2 'Schizoid Factors in Personality' (1940) e 'A Revised Psychopathology of Psychoses and Psychoneuroses' (1941). In *Psychoanalytic Studies of the Personality*, Londres e Nova Iorque, Routledge (1996).

ção do pensamento e do intelecto, típicos deste tipo de defesas, se, por um lado, poderão constituir uma estratégia defensiva adaptativa e com algum êxito, também poderão constituir uma séria dificuldade acrescida para lidar com a realidade externa, tal como ela se impõe e com a mudança inevitavelmente necessária.

As patologias do corte, da clivagem, foram agrupadas na trilogia esquizotimia, esquizoidia e esquizofrenia – termos que têm todos a mesma raiz: o verbo grego *schizein*, separar, cortar, clivar. É duma clivagem que se trata nos três casos, embora com gravidades diferentes. O tipo esquizotimo, termo cunhado por Bleuler, em 1920, designa um carácter de humor fechado – o equivalente ao introvertido de Jung – de aparência fria, inibido, mas dado a descargas impulsivas. Trata-se de seres meditados, organizados, abstractos, obstinados, sonhadores. Já a esquizoidia (Kretschmer), que neste continuum seria mais patológica, designaria um tipo de humor com tendência para o isolamento, para a inadaptação, para o sonho e para a abstracção, quando não mesmo sendo manifestos um racionalismo mórbido e um idealismo rígido. Na esquizofrenia, a patologia mais extrema, termo também cunhado por Bleuler, em 1911, haveria mesmo uma dissociação da vida psíquica, uma perda da unidade do ser, uma desagregação da personalidade e uma desintegração da capacidade associativa.

Ou seja, pouco a pouco, foi ganhando importância nas escolas psiquiátricas a noção de um continuum de traços mais ou menos clivados, da simples atitude de introversão à ruptura com a realidade que caracterizaria a esquizofrenia. Clivagem da realidade, clivagem do Eu?

Georges Devereux chamou à esquizofrenia uma psicose funcional, que decorreria do modelo sócio-cultural das sociedades modernas. Sem querer ir tão longe, julgo ser necessário reflectirmos as defesas de tipo esquizóide e como se articulam com a crise que vivemos. Para isso, recorreréi maioritariamente, como disse, ao trabalho de Ronald Fairbairn, autor que me parece de crucial importância na descrição destes mecanismos, e que foge, exemplarmente, à psiquiatrização do fenómeno.

Segundo Fairbairn, as defesas neuróticas (histéricas, obsessivas e fóbicas) são maciçamente representadas pelas personalidades de tipo esquizóide, como forma de defender a sua personalidade e o seu ego, cujos objectos internos quer preservar a todo o custo.

Vivemos tempos de grande ansiedade e incerteza. Ora, a ansiedade e a incerteza são fenómenos muito próprios da espécie humana, com os quais até deveríamos aparentemente estar mais aptos a lidar. No entanto, também é próprio do psiquismo humano construir defesas contra

estas emoções, e as defesas esquizóide parecem enquadrar-se muito adaptativamente nos tempos que correm.

É provável que vejamos, cada vez mais, nos nossos consultórios manifestações mais ou menos encobertas de traços esquizóides. Quero referir-me ao tipo de paciente de que nos falava Fairbairn. Este tipo de paciente, escreve Fairbairn, queixa-se de inibição social, de dificuldades profissionais, de impotência sexual, de masturbação compulsiva e exhibe frequentemente um ar misterioso, como se estivesse na posse de um segredo de que só ele sabe. Outros sintomas surgem por vezes, tais como *déjà vu*, sentimentos de artificialidade; de familiaridade com o estranho ou de estranheza perante o familiar; dissociação; despersonalização; atitudes de distanciamento; hipervalorização do pensamento. Surgem também sentimentos de impotência.

João, 29 anos, consultor numa grande empresa:

Não é que me queixe, até ganho bem, não tenho problemas, pelo menos por agora, com a crise, mas sinto que estou diante dos problemas do trabalho, um pouco como se estivesse lá e não estivesse. Disperso-me. Para falar com franqueza, pouco faço. Ando muito pouco produtivo, ando...

Teresa, 29 anos, economista numa seguradora:

Às vezes ouço o meu chefe a falar nas reuniões a até tenho pena dele. Chega a ser patético. Diz-se que não estará muito tempo no lugar. É como um puto reguila, sempre a esforçar-se por estar na mó de cima. Há dias sonhei com ele, aparecia como um miúdo, de calções, a dizer que se ia vingar dos outros meninos. Eu também estava no sonho, mas estava distante, a ver, quase a gozar com aquilo tudo.

Manuel, 46 anos, gestor:

Já não tenho interesse nenhum por aquilo, por aquela empresa, por aquela área de negócio. Estou farto. Já sei que me vai perguntar o que gostaria de fazer. Mas a questão é que não sei, não sei mesmo. Até tenho vergonha de estar tão confortavelmente instalado numa altura em que tanta gente perde empregos ou não recebe o ordenado, mas o que é certo é que me estou nas tintas. E o ambiente em casa, como sabe, não é melhor.

Helena, 35 anos, publicitária, com ar distanciado:

Fomos todos despedidos! Não, não estou a brincar, é mesmo a sério.

A empresa vai fechar. Vai tudo para a rua. Dá vontade de rir mas é mesmo verdade. Soubemos na sexta. A Vera – aquela que embirrava comigo, lembra-se? - agora até está muito minha amiga...

Retomando Fairbairn, a regressão esquizóide remete para a fase oral primária, em que o objecto é tratado como objecto parcial e sem valor como pessoa. Trata-se de uma defesa contra a ansiedade decorrente do sentimento de que a figura maternal não o(a) apreciaria como pessoa, ou por aquilo que ele, ou ela, valem. Neste tipo de mecanismo, a identificação com os objectos internos é muito poderosa, assim como os sentimento de que possuem algo de muito valioso, que temem perder. Daí adoptarem, com frequência, a atitude de que aquilo que deram ou criaram não tem valor, de forma a sentirem-se menos empobrecidos quando dão. Receber, para estas pessoas, é mais importante do que dar, o que está em conformidade com o tipo de regressão. Mantêm a distância emocional cuidadosamente, desvalorizando o que dão, intelectualizando constantemente e libidinizando o pensamento.

Por vezes, assiste-se à manifestação de defesas maníacas que têm sobretudo a ver com a rigidez e até o fanatismo. Porventura, em épocas conturbadas, estas pessoas poderão surgir como líderes, dado que se enquadram bem no tipo de dependência messiânica de que nos fala Bion. Tudo fazendo para preservar a relação com os preciosos objectos internos, incorporizados e investidos sobremaneira, as relações afectivas tornam-se problemáticas e até evitadas, porque significariam um empobrecimento do Eu.

Por outro lado, o mecanismo de defesa esquizóide implica uma extrema relutância em abandonar a dependência infantil do objecto interno parcial. A ansiedade de separação é enorme, o que se explica pela identificação primária ao objecto, de que o sujeito não se diferencia. Fairbairn nota que estamos diante daquilo que Freud designa por narcisismo primário e secundário, visível, por exemplo, no que chama as 'paixonetas' das personalidades com estas características.

Por último, parece existir uma dificuldade acentuada em lidar com o conflito. As personalidades com tendência esquizóide são pré-ambivalentes e defendem-se sobretudo do sentimento de perda do Eu, que os ameaça constantemente.

É possível que a defesa esquizóide seja das mais eficazes, na actual conjuntura de enorme incerteza e ansiedade. Estes peritos na retracção e no isolamento defender-se-ão melhor da ansiedade, porventura.

Tal como os países, em tempos de crise, parecem tender para erigir

à sua volta proteccionismos e nacionalismos, assim os indivíduos também erguem poderosas defesas esquizóides contra a realidade, que, às vezes, podem até ser a forma mais adaptativa de sobreviver ou, como também se diz, de coping com essa dura realidade externa.

Mas pergunto-me sobre o impacto deste mecanismo no tecido social já de si frágil. Que relações sociais e humanas irão existir? Constituirá o êxito de redes sociais como o Twitter, o Facebook, etc, um epifenómeno desta tendência? O fácil acesso à conectividade entre membros destas imensas redes, e na web em geral, dá que pensar. Que relação haverá entre esta hiperconectividade e a comunicação? Bem usada (mas o que é isso?), a web pode até facilitar a comunicação e ser uma oportunidade de diálogo e de troca de ideias. Mas pode também reforçar tendências esquizóides e constituir uma via para a rigidificação das mesmas, com o conseqüente prejuízo para a saúde do self.

É uma questão para reflectirmos.